

Considerações finais

Chegamos ao fim da trajetória proposta por este estudo. Mais do que conclusões, é possível notar que esta interlocução entre psicologia e teatro primou por formular questões. Os objetos deste estudo – os atravessamentos entre vida e criação – foram abordados tanto do ponto de vista da subjetivação – segundo as propostas de Donald Winnicott – quanto da própria criação teatral, a partir da contribuição de artistas e pensadores, como Peter Brook, Antonin Artaud e Hans-Thies Lehmann. Por fim, no último capítulo, foram discutidos temas comuns à psicologia e ao teatro. Se, do lado da psicologia, o conceito de transicionalidade serviu como fio condutor das discussões propostas, do lado do teatro, as críticas à representação e as saídas de uma criação teatral tomada como arte do presente também orientaram as discussões.

Nesse ponto, seria importante remeter estas considerações finais às questões iniciais formuladas na introdução deste estudo. Como propor relações entre vida e criação? Diante da espetacularização da vida contemporânea, a que práticas criativas e a que uso da criação este estudo faz referência? Em uma vida contemporânea formada a partir dos clamores do fim da história e da eterna repetição do mesmo, que saídas as práticas criativas poderiam indicar? Sem a pretensão de concluir essas questões, seria possível indicar certos caminhos traçados pela trajetória experimentada neste estudo.

O primeiro ponto a ser destacado é questão da singularidade. Tanto nas formulações de Winnicott, no conceito de *transicionalidade* e *viver criativo*, quanto nas formulações de Artaud, em seu *teatro da crueldade*, o impulso criativo é tomado como uma força que ultrapassa o território artístico propriamente dito para ligar-se à própria vida. Para além das representações normativas, as relações entre singularidade e práticas criativas formulam a possibilidade de criar, no campo da subjetividade, uma vida única, singular e real; assim como, no campo da criação artística, um gesto criativo único, real e singular.

Outro aspecto discutido neste estudo é a questão da experiência. A criação, que ultrapassa os limites do território artístico propriamente dito, faz referência a uma experiência que se produz e, ao mesmo tempo, é produzida no mundo e na

cultura. É possível afirmar que a criação que interessa a este estudo traz em si a possibilidade de transmitir e de propagar uma experiência cultural que perpassa as subjetividades; uma experiência cultural que se propaga não a partir de seu fechamento e da repetição mortificante, mas que, paradoxalmente, comporta a diferença e a metamorfose em sua continuidade. Diante de uma experiência contemporânea cada vez mais fragmentada e dispersa, de que adiantaria remontar nossas queixas à aura perdida dos velhos tempos, quando imperavam aos valores de continuidade e de unidade? Na atualidade, o desafio, a meu ver, é recriar uma modalidade de experiência – não a totalidade perdida de um passado ideal – que conjugue ao mesmo tempo continuidade e ruptura, tradição e originalidade. As práticas criativas a que este estudo se refere devem colocar-se frente a frente com tais questões.

Por fim, gostaria de destacar outro aspecto: a questão da percepção criativa. Tomando a criação ao mesmo tempo como produto e como produção da cultura no encontro entre subjetividades, é possível observar sua relação com uma modalidade distinta de percepção da realidade. Como alternativa aos signos dominantes da realidade, que se impõem, muitas vezes, diante de nós como obrigações, restrições ou interdições – os autores-criadores trabalhados nesse estudo fazem menção a uma modalidade de percepção que experimenta o campo cultural como processo de criação. Nesse sentido, a criação estaria relacionada a um modo de percepção que ativaria os signos da realidade no que estes possuem de trânsito, sutileza e devir, fugindo a um enquadramento totalitário do real.

Para concluir, gostaria de fechar este estudo com uma citação do filósofo Martin Heidegger, extraída da introdução do livro *O Local da Cultura* (2005), de Homi K. Bhabha, que parece propor uma interessante síntese do que foi pensado na ampla trajetória deste estudo – criação e vida abordadas nas fronteiras da representação, a partir da interlocução entre psicologia e teatro: “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (HEIDEGGER *apud* BHABHA, 2005:19).